



V DOMINGO DO TEMPO DA PÁSCOA – *Permaneçei em mim e eu permanecerei em vós*

Jo 15,1-8

Caros irmãos e irmãs,

A liturgia deste quinto Domingo da Páscoa nos apresenta Jesus como a verdadeira videira plantada por Deus. O texto evangélico nos exorta a permanecermos unidos a Cristo, pois é dele que recebemos a vida em plenitude.

No Antigo Testamento, a “videira” e a “vinha” eram símbolos do Povo de Deus. O vinho é símbolo da alegria e do amor. Israel é muitas vezes comparado com a vinha fecunda, quando é fiel a Deus; mas, se se afasta dele, torna-se estéril, incapaz de produzir aquele “vinho que alegra o coração do homem”, como canta o Salmo 104. A vinha verdadeira de Deus é Jesus que, com o seu sacrifício de amor, nos oferece a salvação, nos abre o caminho para fazermos parte desta vinha.

A videira, escolhida aqui como elemento de comparação, é uma das plantas mais importantes no Oriente antigo. Por trás do mistério do vinho encontra-se a realidade de que Ele se fez fruto e vinho para nós, que o seu sangue, na Eucaristia, torna realidade esta grande efetividade da videira.

Jesus exorta os seus discípulos a permanecer unidos a Ele como os ramos à videira. Trata-se de uma parábola verdadeiramente significativa, porque expressa com grande eficiência que a vida cristã é mistério de comunhão com Jesus: "Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5). Um ramo que não dá fruto é um ramo improdutivo, um ramo morto. E para dar frutos necessitamos da seiva da videira, que é Cristo. Sem Ele nada podemos fazer, porque sem a seiva os ramos secam. O segredo da fecundidade espiritual é a união com Deus, união que se realiza sobretudo na Eucaristia.

Se aceitamos permanecer com Jesus, Ele nos introduz na sua intimidade. Então podemos dar frutos que terão o sabor de Jesus. Isso se cumpre de modo pleno na Eucaristia, pela qual somos alimentados com o seu corpo e o seu sangue de Ressuscitado. Ele coloca em nós o poder da sua Vida, que passa pelo pão e pelo vinho, que vão vivificar cada célula do nosso corpo, isto é, cada detalhe da nossa vida, cada uma das relações que criamos com os outros.

Deus se torna corpo conosco e sangue conosco, com isto, permanecemos na comunhão com o próprio Deus: “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele” (Jo 6,56).

E o trecho do Evangelho nos chama a permanecer na vinha do Senhor, a ser servidores do seu mistério. O verbo “permanecer” aparece várias vezes no evangelho. O

ramo é uma extensão e um prolongamento da videira. O ramo que não permanece unido à videira, resseca e não dá fruto, é cortado e jogado ao fogo; não serve realmente para nada.

Os discípulos são os “ramos” que estão unidos à “videira” que é Jesus e que dela recebem a vida. Estes “ramos”, no entanto, não têm vida própria e não podem produzir frutos por si próprios; eles necessitam da seiva que lhes é comunicada por Jesus. Por isso, são convidados a permanecer em Jesus (v. 4).

Para os discípulos, que são “os ramos”, interromper a relação com Jesus significa cortar a relação com a fonte de vida e condenar-se à esterilidade. Por isso, o “agricultor”, Deus, atua no sentido de que o “ramo”, o discípulo, se identifique cada vez mais com a “videira”, Jesus Cristo, e produza frutos de amor, de doação e de serviço aos irmãos. A ação de Deus está no sentido de limpar o ramo, para que ele possa dar mais frutos. “Limpar” significa chamá-lo a um processo de conversão contínua que o leve a recusar caminhos de egoísmo e de fechamento, para se abrir ao amor. Dito de outra forma: a limpeza dos “ramos” se faz através de uma adesão cada vez mais fiel a Jesus e à sua proposta de amor (v. 2).

O cristão tem em Jesus a sua referência, se identifica e vive em comunhão com Ele. O cristão vive de Cristo, vive com Cristo e vive para Cristo. Precisamos ficar atentos para nunca interrompermos a nossa união com Ele e tornarmos ramos secos e estéreis; e para não sermos “ramos” secos, é preciso renovarmos a cada dia o nosso “sim” a Jesus e às suas propostas.

A vida de uma árvore se caracteriza pelos frutos que ela produz. Cabe aos discípulos de Cristo produzir frutos de verdade. Não é possível continuar unido a Cristo e receber a vida de Cristo, estando em ruptura com os nossos irmãos.

Por isso, a Primeira Carta de João, que abre a liturgia da Palavra deste domingo, apresenta o tema do amor ao próximo. Os hereges afirmavam que o essencial da fé residia na vida de comunhão com Deus; mas, ocupados a olhar para o céu, negligenciavam o amor ao próximo (cf. 1Jo 2,9). A sua experiência religiosa era voltada para o céu, mas alienada das realidades do mundo. Para o Evangelista São João, o amor ao próximo é uma exigência central da vida cristã. Jesus demonstrou isto ao amar os homens até ao extremo de dar a vida por eles, na cruz. Também esta deve ser a atitude de cada discípulo de Jesus (cf. 1Jo 3,16). A realização plena do homem depende da sua capacidade de amar os irmãos.

São João ainda ressalta que o amor se vive com ações concretas em favor dos irmãos (cf. v. 18). Se os nossos gestos não derramam amor sobre aqueles que caminham ao nosso lado, se não construímos a paz, se não somos arautos da reconciliação e se não defendemos a verdade, estamos a trair Jesus e a missão que Ele nos confiou. A vida de Jesus tem de transparecer nos nossos gestos e atingir o mundo e os homens, a partir de nós.

O verdadeiro “permanecer” em Cristo deve estar relacionado ao amor aos irmãos, como também na eficácia da oração, que nos garante este permanecer com ele. Cada um de nós é um ramo, que só vive se fizer crescer, a cada dia, na oração, na

participação nos Sacramentos e na caridade a sua união com o Senhor. E quem ama Jesus, videira verdadeira, produz frutos de fé para uma abundância espiritual.

Um caminho seguro para nos mantermos unidos a Cristo, como ramos ligados à videira, é recorrer constantemente à intercessão da Virgem Maria, para que ela possa continuar a velar sobre cada um de nós para estarmos sempre unidos à videira, que é Cristo e possamos permanecer solidamente enxertados nele, que é o caminho, a verdade e a vida. Assim seja.

D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ